

Cláudio Tsuyoshi Suenaga

# 50 Tons de Greys

Casos de abduções alienígenas  
com relações sexuais



BIBLIOTECA  
**ufo**

# 50 Tons de Greys

Casos de abduções alienígenas  
com relações sexuais

**Cláudio Tsuyoshi Suenaga**

BIBLIOTECA  
**ufo**



## O que é a Biblioteca UFO



A **BIBLIOTECA UFO** já está consagrada pela Ufologia Brasileira. Foi lançada pela Revista UFO em 1998 para veicular obras de qualidade, atuais e consistentes sobre a presença alienígena na Terra e suas consequências, produzidos por autores ativos e que ajudaram a construir a história atual da Ufologia. A Biblioteca pretende abastecer os estudiosos e entusiastas do assunto com livros ricos em informação de qualidade sobre nossos visitantes extraterrestres. O critério de seleção de autores leva em consi-

deração o significado, a utilidade e a repercussão de seu trabalho. Assim como são escolhidos temas que ofereçam verdadeira contribuição ao entendimento da questão ufológica em todas as suas vertentes.

Ao serem consideradas novas obras para comporem este acervo, observa-se também um critério muito presente no Fenômeno UFO, ou seja, sua manifestação em múltiplos níveis físicos e não físicos.

Para tanto, um estudo de tão complexo cenário deve ter em conta a transdisciplinariedade como ferramenta de trabalho, ou seja, um conceito que mescle diferentes formas de pensamento e inter-relacione várias disciplinas, estimulando novas maneiras de se compreender e assimilar a realidade dos fatos por meio da articulação dos elementos que os compõem, sob todos os seus ângulos.

Assim, refletindo o esforço da Revista UFO há 35 anos, a Biblioteca UFO busca encontrar as respostas para a ação na Terra de outras espécies cósmicas e seus efeitos para a humanidade, entendendo que apenas uma

abordagem adocognática, profunda e responsável, poderá oferecer entendimento e as respostas para o enigma do milênio.

## Cláudio Tsuyoshi Suenaga



ARQUIVO UFO

**Cláudio Tsuyoshi Suenaga** nasceu em São Paulo em 26 de abril de 1971, em pleno Regime Militar. Justamente por ter crescido em uma época e em um contexto marcados pelas mentiras e pelo obscurantismo, desde cedo se sentiu instigado a questionar o sistema estabelecido vigente e a desvendar conspirações que visam iludir e manipular a massa, relegando-a à mais estreita alienação e ignorância. Atraído e apaixonado por tudo o que se relacionasse à ciência, ao oculto, insólito, paranormal e

ao sobrenatural, foi apresentando, ainda na adolescência, às primeiras revistas de Ufologia, entre elas a UFO, despertando para o assunto em que foi se aprofundando na mesma medida de outros interesses, tais como a história, arqueologia, sociologia, antropologia, mitologia, folclore, filosofia, psicologia, literatura e cinema.

Aos 18 anos já publicava seus primeiros artigos em jornais e ingressava na Faculdade de História, formando-se aos 21 anos com um projeto delineado em mente: trazer a questão ufológica para o âmbito acadêmico de modo a romper as barreiras que separavam esse tema de outros mais tradicionais, abordando-o à luz dos conhecimentos das mais variadas disciplinas. Enfrentando todo tipo de preconceitos, obstáculos e incompreensões, logrou a proeza de convencer um grupo de professores da viabilidade de seus propósitos e da seriedade de suas intenções e, em 1994, ingressou no curso de pós-graduação de História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (Unesp), no campus de Assis, obtendo no ano seguinte uma bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Em

1996, tornou-se consultor da Revista UFO, produzida pelo *Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV)* e a A. J. Gevaerd *Ufologia*, passando a escrever regularmente para a publicação, que é o maior veículo mundial de Ufologia da atualidade.

O envolvimento do Governo Brasileiro com os UFOs sempre foi uma de suas preocupações centrais, tendo logrado acesso a uma farta documentação a respeito. O jornal *Folha de S. Paulo* entrevistou-o em 1997 a propósito dos documentos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) que descobriu no Arquivo do Estado de São Paulo, que atestam a perseguição movida por agentes do aparato repressivo contra um alegado abduzido por seres extraterrestres e membros da *Associação de Pesquisas Exológicas (APEX)*. A reportagem, publicada na edição de 11 de maio daquele ano, mereceu chamada na primeira página e ocupou uma página e meia sob o título *Regime Militar Investigou UFOs e ETs*. No campo da religiosidade e da crença, também jamais se cansou de alertar para o perigo representado pelo fanatismo das seitas messiânicas, milenaristas, apocalípticas e satânicas que se valem de técnicas publicitárias, de psicologia de massa, hipnose e lavagem cerebral.

Contra a opinião dos bem-pensantes, antecipou, em meados da década de 90, o crescimento exponencial dessas seitas sob os auspícios de ufólogos místicos e espiritualistas que se arvoravam como os detentores do monopólio da “ética” e da “verdade” — o espantoso não é que tenha previsto tudo isso, já que, como fez questão de ressaltar, não era preciso o dom da vidência ou da profecia, bastando uma reflexão histórica e sociológica para que se inferisse as mesmas conclusões. E mais espantoso ainda é que muitos tenham saído em defesa do “direito legítimo” dessas seitas de agirem livremente iludindo, enganando, roubando, extorquindo, destruindo famílias, lavando mentes, sacrificando crianças, assassinando e induzindo suicídios coletivos e ataques terroristas.

Entre os inúmeros trabalhos que produziu, um dos que mais geraram celeuma resgata o caso do lavrador João Prestes Filho, que em um fatídico dia de Carnaval de 1946 morreu queimado com as carnes se soltando do corpo depois de ter sido atingido por uma luz misteriosa

que veio do céu na cidade de Aracariquama, interior de São Paulo. Casos como este indicam que, ao contrário do que apregoam os adeptos

das “correntes angelicais” da Ufologia, a humanidade não vem sendo protegida e assistida por garbosos comandantes intergalácticos — basta verificar que a esmagadora maioria dos casos que compõe o repertório ufológico é de caráter regressivo e negativo, não tendo trazido quaisquer benefícios às suas vítimas, muito pelo contrário.

A essência da luta de Suenaga se expressa em seu engajamento pessoal, intelectual e espiritual pela reabilitação do pensamento crítico-filosófico e autonomia da consciência individual contra quaisquer tipos de dogmas, ideologias e totalitarismos, que, no seu entender, afrontam e ultrajam o ser humano, pondo em perigo essa própria condição. Seu pensamento foi influenciado por filósofos como Eric Voegelin, Xavier Zubiri, Ortega y Gasset, Mário Ferreira dos Santos e Olavo de Carvalho. Assim como por escritores como Karl Kraus, Georges Bernanos e Gilbert Keith Chesterton, entre tantos outros que, a exemplo de Carvalho, adotaram como princípio supremo e fundamental “*a defesa da capacidade e interioridade humana e da consciência individual contra a tirania da autoridade coletiva e da realidade que se pretende absoluta e verdadeira por ser massificante e totalizante, sobretudo quando escorada em uma ideologia pretensamente científica*”.

Para Suenaga, há séculos a humanidade se encontra sob a égide de poderes monolíticos, discricionários e totalitários que se valem dos meios políticos, religiosos e culturais para assumirem o controle sobre tudo e todos não apenas como um “Estado dentro do Estado”, e sim como um “Estado acima do Estado”. Em 1999, o autor finalmente defendeu sua dissertação de mestrado, intitulada *A Dialética do Real e do Imaginário: Uma Proposta de Interpretação do Fenômeno UFO*, sendo aprovado com distinção pela banca examinadora constituída pelos professores doutores Benedito Miguel Angelo Perrini Gil, que também foi seu orientador, e Milton Carlos Costa, ambos da Unesp, além de Lísias Nogueira Negrão, um dos maiores especialistas em messianismo no Brasil, titular da cadeira de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP). Suenaga tornou-se mestre em História pela referida instituição e o primeiro ufólogo do Brasil a desenvolver um trabalho sobre o Fenômeno UFO nesse patamar acadêmico.



Entre 2000 e 2004 fixou residência em Mongaguá, cidade da Baixada Santista próxima de São Vicente, Praia Grande, Itanhaém e Peruíbe que combina praias, rios, morros, montanhas e florestas reminiscentes da Mata Atlântica. Entrevistou dezenas de moradores que presenciaram a evolução de estranhas luzes nos céus da região e a passagem e aterrissagem desses objetos que há décadas por lá se manifestam intensamente em meio à natureza exuberante, bem como fenômenos parapsicológicos como *poltergeists* e manifestações de espíritos, fantasmas e lobisomens. Pesquisou *in loco* a vida e a obra daquele que foi, de longe, o morador mais ilustre de Mongaguá, o jornalista e escritor paulista Jeronymo Barbosa Monteiro (1908-1970), considerado o pai da ficção científica brasileira.

A partir de 2002 Suenaga foi colaborador da revista *Sexto Sentido*, da Mythos Editora, hoje desativada, e desde 2005 da revista *Aventuras*

publicações, da Editora Abril, além de escrever para diversas outras publicações, nacionais e internacionais e sites de internet. Atualmente se dedica a produzir matérias para diversas outras publicações, a escrever livros, se aprofundar no estudo da filosofia e a resgatar a história da Ufologia. É autor dos livros *História Oficial dos UFOs: De Mito Moderno à Realidade Histórica*, *História Oficial dos UFOs no Brasil: Do Disco Voador da Barra da Tijuca ao ET de Varginha*, *A História Oculta do Regime Militar Brasileiro*, *Sangue no Céu: O Apocalipse Agora*, entre outros. Pela Biblioteca UFO, em 2007, teve publicada a obra *Contatados: Emissários das Estrelas, Arautos de Uma Nova Era ou a Quinta Coluna da Invasão Extraterrestre?*, hoje esgotada. Cláudio Tsuyoshi Suenaga reside presentemente no Japão.

---

**Endereço do autor:**

*claudiosuenaga@mail.com*

## Sumário

# 50 Tons de Greys

Casos de abduções alienígenas  
com relações sexuais

|             |  |            |
|-------------|--|------------|
| Prefácio    | <b>Frente a frente com aliens</b>                              | <b>15</b>  |
| Introdução  | <b>A pesquisa das abduções</b>                                 | <b>21</b>  |
| CAPÍTULO I  | <b>Rompendo a cortina de silêncio</b>                          | <b>23</b>  |
|             | <i>A estranha cópula de Villas Boas, por ele mesmo</i>         |            |
|             | <i>A versão consagrada</i>                                     |            |
|             | <i>De volta a São Francisco de Sales</i>                       |            |
|             | <i>O exame médico de Olavo Fontes</i>                          |            |
|             | <i>Casal Hill e Villas Boas: paralelos surpreendentes</i>      |            |
|             | <i>Procriação interplanetária ou ritual macabro?</i>           |            |
| CAPÍTULO II | <b>Homens usados para fins reprodutivos</b>                    | <b>121</b> |
|             | <i>Onílson Pátero, o vendedor que deu carona e foi clonado</i> |            |
|             | <i>José Inácio Álvaro cumpre a tarefa com mulher prateada</i>  |            |
|             | <i>Jocelino de Mattos no Alvorada de Zenta Linojuce</i>        |            |
|             | <i>Antonio Carlos Ferreira gera filho com ruiva-súcubo</i>     |            |
|             | <i>Elias Seixas, o caminhoneiro que ficou impotente</i>        |            |
|             | <i>Antonio Nelson Tasca Cabalá, de Agali, sem escrúpulos</i>   |            |



**CAPÍTULO III Mulheres seduzidas e grávidas de aliens 207**

*A gravidez de Cynthia Appleton*

*O híbrido de Marlene Trevers*

*O estupro de Shane Kurz*

*O estranho romano*

*O tarado mascarado*

*Os desejos sexuais reprimidos de Meagan Quezet*

**CAPÍTULO IV Sexo, religião e UFOs 237**

*A síndrome das abduções*

*Contos de fadas*

*Tabus, ritos e rituais*

*Prevalência do edênico e do hedonístico*

*Demonhos, bruxas e sabbats*

*Seriam vampiros os ufonautas?*

**APÊNDICES 371**

*Breve história de São Francisco de Sales*

*Entrevista com o ufólogo Ney Matiel Pires*

**BIBLIOGRAFIA 391**

---

## Prefácio convidado

# Frente a frente com aliens

**V**enho trabalhando no campo ufológico há 26 anos, em sessões de hipnose privadas com abduzidos e experienciadores. Uso esses termos de forma intercambiável, para incluir tanto aqueles que se sentem vitimados e estão trabalhando seu trauma, quanto os que sentem que deram permissão aos alienígenas para o contato ao longo da vida. As pessoas estão em diferentes níveis de processamento de suas experiências e não importa onde estejam em sua jornada, cada uma delas merece nossa atenção e respeito.

À medida que minha prática progrediu, comecei a perceber um padrão de sintomas de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) em meus pacientes. O transtorno de estresse pós-traumático, para elucidar aos leitores e de acordo com o dicionário Merriam-Webster, é *“uma reação psicológica que ocorre após se experimentar um evento altamente estressante (como combate de guerra, violência física ou desastre natural), que geralmente é caracterizada por depressão, ansiedade, flashbacks, pesadelos recorrentes e fuga das lembranças do evento”*.

Conforme desenvolvia minha clientela privada, médicos locais, psiquiatras e psicólogos começaram a me enviar pacientes que não conseguiam melhorar de seus traumas, na esperança de que aquelas pessoas pudessem se beneficiar com a hipnoterapia. Enquanto trabalhava com cada vez mais vítimas de TEPT, notei que muitos pacientes atribuíam seu trauma a um possível episódio ufológico. E me surpreendeu que as lembranças que diferentes pessoas tinham sobre os alienígenas

emergiam em nossas sessões — fossem similares a ponto de formar um padrão. E aqueles clientes nunca se conheceram.

Também considerei significativo que os clientes que me foram encaminhados tivessem sido pré-selecionados por seus médicos. Seus testes tinham resultados considerados normais, sem sinais de tendências à psicose, e tampouco eram indivíduos considerados propensos a fantasias. Também foram considerados, de acordo com os testes, como sendo “*sinceros em suas descrições de experiência*”. Fiquei igualmente impressionada com a sinceridade, e com a descrição precisa dos detalhes fornecida por aquelas pessoas, quando sob hipnose. Além disso, comecei a ficar cada vez mais preocupada com o estado emocional traumatizado que se manifestava durante a hipnoterapia, com o choro incontrolável, agitação, raiva e, às vezes, linguagem pesada. Houve momentos em que alguns exibiram medo extremo e, mesmo estando hipnotizados, tentaram

pular do sofá e fugindo vezes que meus clientes deixavam meu consultório, sentiam-se isolados. Com quem eles falavam? Muitos não conseguiam sequer confiar em seus cônjuges ou em qualquer outra pessoa importante de suas vidas. Foi por isso que, em 1992, criei a *Close Encounter Resource Organization [Organização de Auxílio para Encontros Próximos, CERO]*, com o objetivo de proporcionar aos pacientes uma atenção individual contínua e um ambiente protegido para se expressarem com segurança, durante as reuniões mensais do grupo de apoio.

Conforme fui me envolvendo mais e mais em minha prática com abduzidos e experienciadores, comecei a receber convites para participar de palestras, painéis de discussão, entrevistas de televisão e rádio, assim como ocorreu com muitos dos membros do CERO. Essas almas corajosas queriam se aproximar daqueles que estavam assistindo, para que aquelas pessoas soubessem que há ajuda e que elas não estão sozinhas.

Em meu livro *Chosen: From The Alien Hybrid Program To The Fate Of Our Planet [Escolhidos: Do Programa de Híbridização Alienígena Ao Destino de Nosso Planeta. CreateSpace, 2018]*, forneço ao público trechos de transcrições de sessões reais, com lembranças emocionais dramáticas e traumáticas dos encontros descritos por meus clientes, durante suas sessões de regressão hipnótica.



Em 2014, publiquei *Coronado: The President, The Secret Service and UFO Abductions* [*Coronado: O Presidente, o Serviço Secreto e as Abduções Ufológicas*. CreateSpace, 2014]. Em um dos capítulos, relato a experiência de John, um paciente que descreveu um encontro sexual com alguém que lhe era familiar. Como tantos indivíduos com quem trabalhei, John sabia que não conseguia parar esse encontro e pediu desculpas a sua “amiga”. O trecho a seguir foi extraído de uma sessão de hipnose que realizei:

**John fica visivelmente chateado e diz:**

*“Eu sei que eles só querem que eu tire minhas roupas. E há uma cadeira, bem, uma espécie de banquinho, na verdade não é uma cadeira, à esquerda. Os outros dois saem e um permanece lá comigo, e ele diz que eles vão trazer alguém para o quarto.*

*[John responde várias vezes] Eu não quero e eles insistem [John responde] sabem disso. O alienígena pequeno diz: ‘Nós sabemos que você não quer isso, mas você vai ficar bem, vai ficar bem’”.*

**John, você consegue fazer isso. Diga-me o que eles querem que você faça.**

*“Oh, parece diferente de antes, porque geralmente são os procedimentos e a mesa de aço inoxidável. Isso é diferente. Ele me diz que eles vão trazer alguém no quarto, então eu sei que é diferente [John respira profundamente]. E então, estou sentado lá sem nada e aguardo, e depois há três greys pequenos que vêm para a sala, e há alguém com eles [John fala devagar e é muito hesitante]. Apenas olho e vejo alguém que reconheço, mas que não conheço muito bem, não é alguém próximo. Estou pensando que isso não é um bom sinal”.*

**Quem é a pessoa que você reconhece, John?**

*“É o que eu pensei que era. É ela. E ela está escoltada por três dos seres e olha para mim, sentado lá. Eu não sei, ela parece um pouco surpresa, mas não muito, háo está chateada”.*

*nem gritando, mas parece surpresa. Então, aquele que está ao meu lado me diz que eu vou ajudá-la, e eu digo que tudo bem. E então eles me pedem para me levantar e ajudá-la”.*

### **De que forma você deve ajudá-la, John?**

*“Ficando ao lado dela e ajudando-a a tirar suas roupas. E eu lhes digo que isso não está certo. Ela não quer que eu faça isso. E eles dizem que vai ficar tudo bem, que ela vai ficar bem e eu também vou. A mesa, ou seja lá o que for, não é muito alta. Eles nos dizem para nos deitarmos ali. Parece ser suficientemente grande para nos deitarmos lado a lado, apertando um pouco. Dois deles foram embora, dois deles estão lá. Eles me dizem para relaxar e para dizer a ela que vai ficar bem. Eles me pedem para tocá-la, querem ver como um homem toca uma mulher”.*

### **Neste momento, são os seres pequenos que estão lá?**

*“Sim, os mais baixos. Mas há outro que me pegou na minha casa, ele está lá. Os grays percebem quando ele entra”.*

### **Descreva a aparência desse ser, John.**

*“Ele é o único com o colarinho e capa. Não consigo ver seu corpo [John respira profundamente]. Ele está na sala, mas do outro lado da divisória e os pequenos estão falando com ele. Os pequenos saem e fica apenas o que me ajudou a me despir. E ele está no comando, me dizendo o que fazer. Eles dizem que querem que eu a toque gentilmente, como um homem tocaria uma mulher. E ela está consciente e está deitada lá, mas não está lutando nem nada. Eu não sei o que eles estão dizendo para ela, não posso ouvir isso”.*

### **O que acontece depois disso?**

*“Ela começa a retribuir [Os toques], tocando em mim e é por isso que acho que eles estão dizendo algo para ela, porque não acho que ela faria isso. Então, estou tocando aquela senhora que eu conheço apenas de vista. É um toque humano e ela parece*

*estar bem, mas eu acho muito estranho. Abraçamo-nos. Estou bem ao lado dela. Eu digo: ‘me desculpe’ e ela meio que acena um pouco, o que ajuda porque sei que aquilo não está certo, aquilo não é bom. Agora, não acho que seja o pequeno falando. Eu ouço o som vindo de outro lugar, dizendo-me que está tudo bem,, dizendo ‘você dois sabem por que vocês estão aqui nesta sala’. E, claro, agora eu sei e tenho certeza de que ela também. Eu digo ‘me desculpe’ novamente. Por fim, ela me dá um abraço e diz: ‘tudo bem’ [John está muito aborrecido]. Então, a outra voz, a voz do alienígena alto diz algo como ‘isso não é nada ruim, é isso que você faz, isso é o que vocês fazem’. E eu lhe digo: ‘sim, é o que fazemos, mas não assim’. Ele diz: ‘é diferente, mas é isso que você vai fazer’” [Enquanto John descreve o que está acontecendo na sala, ele fica muito hesitante, quase como se estivesse tentando evitar o inevitável. Ele respira fundo e fala muito devagar].*

### **E então?**

*“Então eu me deito sobre ela, a beijo na bochecha e digo no ouvido, ‘sinto muito’. Ela, então, me beija e diz ‘eu sei’ ou algo assim. No começo, nada acontece comigo, mas depois de um tempo, o alto me diz para me concentrar no que eu sei fazer [John fica muito chateado]. Então, ela abre as pernas, eu olho para o corpo dela e, em algum momento, estou dentro dela. E ela não parece estar chateada. Talvez esteja, eu não sei, mas não parece chateada. Então, fazemos isso por um tempo e em algum momento nós paramos. Eu terminei e aquilo não está mais acontecendo. Os pequenos já não estavam mais lá há algum tempo. Éramos apenas eu, ela e o alto atrás da tela”.*

### **Você vê algo na tela? Acha que está sendo monitorado?**

*“Oh, sim, há algo lá, na mesa também, alguma coisa está nos monitorando [John faz uma pausa]. Eu não sei o que acontece, eles nos dizem para nos levantarmos e para eu ajudá-la a se levantar. Eles estão falando com ela. Eu acho isso estranho porque eles falaram comigo na minha mente e estão falando com ela em*



*sua mente, mas eu não ouço o que dizem a ela e não sei como eles fazem isso. Ela me dá um abraço e diz: ‘tudo bem, não se preocupe’ [John fica muito emotivo]. E eu digo ‘obrigado, desculpe’. E eles me dizem que vão me levar para lá novamente e que eu vou me deitar na grande mesa. Eles dizem que há algo mais para eu fazer e eu penso ‘oh, Deus, e agora, o que mais vai ser?’”.*

Os anos de pesquisa de Claudio Suenaga e seu livro *50 Tons de Greys* ilustram experiências semelhantes de encontros sexuais com seres alienígenas, que nós sabemos ser um fenômeno mundial. Os leitores vão conhecer e ficar fascinados com cada palavra do livro, pois as histórias contêm pistas-chave para respostas aos mistérios ufológicos. Como sei muito bem, trabalhar com abduzidos e experienciadores requer muita coragem e dedicação. Por isso, aplaudo Suenaga por seu trabalho em *50 Tons de Greys*.

—**Yvonne R. Smith,**  
*hipnoterapeuta certificada, pesquisadora  
de abduções, escritora e conferencista*

---

## Introdução

# A pesquisa das abduções

**C**asos de divindades e criaturas sobrenaturais que sequestram e seduzem seres humanos e com eles mantêm intercursos sexuais por mero prazer ou visando a reprodução de híbridos são uma constante ao longo da história. A religião, a mitologia e o folclore de todos os povos em todas as épocas os registram. Os livros sagrados, bem como as lendas e mitos das tribos indígenas, estão repletos de menções a respeito. Provenientes de fora ou do interior da Terra e de dimensões paralelas, essas criaturas sempre foram chamadas de anjos, deuses, demônios, demiurgos, fadas, duendes, elfos etc e os filhos gerados foram por vezes considerados super-humanos ou semidivinos.

Expressões culturais acentuadamente primitivas e arcaicas que remanesceram ocultas sob uma tênue zona fronteiriça, esses contatos carniais, ao contrário do que muitos pensam, nunca deixaram de ocorrer e continuam se repetindo, desta vez no contexto de um mito moderno, consoante a Era Científico-Tecnológica-Espacial em que vivemos, a Ufologia, deixando marcas profundas e indeléveis na psique dos homens e das mulheres por assim dizer escolhidos e assediados.

Este livro se propõe a resgatar e a analisar os principais casos de conúbios, contatos “íntimos” imediatos ou relações sexuais com alienígenas, a começar pelo primeiro do gênero, e que foi também o primeiro

caso de abdução da Era Moderna dos Discos Voadores, o tão famoso quanto clássico e controverso caso de Antonio Villas Boas. Não por

acaso ocorreu justamente no Brasil — país onde a voluptuosidade, a devassidão, a liberação das fantasias libidinosas e a busca desenfreada por prazeres carnavais sempre escaparam à rigidez da moral religiosa.

De todos os casos da Ufologia Mundial, a “saga sexual” vivida por Villas Boas permanece sendo a que mais me impressionou. Muitos ufólogos com os quais conversei também admitiram o mesmo, e certamente não há nenhum deles, nem o mais isento de paixão e emotividade, que não tenha ficado de alguma forma tocado ao tomar conhecimento, pela primeira vez, da inopinada história daquele jovem lavrador de 23 anos que na madrugada de 16 de outubro de 1957 arava a terra com o trator quando foi surpreendido por uma nave em forma de ovo que aterrissou a poucos metros.

O aparelho liberou pequenos seres vestindo uniformes inteiriços e máscaras que o agarraram e o fizeram subir por uma escada rudimentar para bordo da nave. E que ali, depois de ter sido despido, de ter um líquido aplicado em seu corpo, de ter uma quantidade razoável de sangue retirado de seu queixo e de ter sido deixado sozinho em uma sala que exalava uma leve fumaça de cheiro desagradável e sufocante, manteve relações sexuais ardentes com uma estranha mulher extraterrestre — ela, ao final, apontou para o próprio ventre e em seguida para o céu.

Depois de permanecer por várias décadas esquecido e encoberto por uma recatada, indevassável e indecorosa “cortina de silêncio”, logrei localizar o paradeiro de alguns parentes próximos de Antonio Villas Boas e a partir daí resolvi reabrir o caso e empreender diligências para esclarecer certos aspectos inexplicados ou confusos e trazer à tona detalhes que jamais haviam sido conhecidos. O produto desses esforços é o que se encontra reunido neste livro. Onde quer que você esteja, prezado leitor, irá ingressar a partir de agora em um universo tão fascinante quanto assustador.



---

## Capítulo I

# Rompendo a cortina de silêncio

quem descobriu o Caso Villas Boas foi ninguém menos do que o repórter João Martins (1916-1998), da popular e ba-

**Q**ualada revista semanal de informações, *O Cruzeiro* está pertencente ao Grupo Diários Associados, do jornalista magnata das comunicações Francisco de Assis Chateaubriand de Melo, mais como conhecido como Assis Chateaubriand Chatô (1892-1968). Ele, que já havia inaugurado o interesse pelos Ufós no país ao fotografar, junto com seu amigo, o repórter fotográfico Ed Keffel, um disco voador — ou o que seria apenas uma maquete, segundo alguns — sobrevoando a Barra da Tijuca, zona sul do Rio de Janeiro, na tarde de 07 de maio de 1952, acrescentaria também um novo componente: o sexual.

Porém, ao contrário do disco voador da Barra da Tijuca, que seria divulgado imediatamente como um sensacional furo de reportagem com direito a suplemento extra na edição de 17 de maio de 1952 de *O Cruzeiro*, o Caso Villas Boas permaneceria em segredo absoluto por cinco anos, tanto que nesse ínterim foi desbancado pelo caso do casal inter-racial norte-americano Betty e Barney Hill — raptados na noite de 19 de setembro de 1961 na estrada de Indian Head por seres cinzentos que os submeteram a vários tipos de exames médicos, inclusive de natureza sexual —, que acabou entrando para a história como o primeiro

caso moderno de abdução e desencadeando a febre de abduções que começaram a tomar proporções de uma síndrome mundial, de caráter

epidêmico, a partir dos anos 80. Se o Brasil deixou de tomar a dianteira e ocupar o posto de vanguarda no que tange às abduções, foi porque João Martins e os demais pesquisadores, receando uma reação contrária e que o caso não fosse aceito como verídico, tão fantásticos e inusitados eram os aspectos envolvidos, preferiram resguardar a si mesmos e o protagonista — até então conhecido apenas pelas iniciais AVB —, contentando-se em apenas redigir relatórios.

Em fins de 1957, Martins publicava em *O Cruzeiro* uma série de reportagens especiais sobre discos voadores em que convidava os leitores a lhe enviarem cartas contando experiências que porventura tivessem vivido. Entre as centenas delas, a de um jovem agricultor que morava com os pais e os irmãos em uma fazenda do distrito de São Francisco de Sales, emancipado e elevado à condição de município em 1962, distante 625 km em linha reta de Belo Horizonte, no extremo oeste do Triângulo

Mineiro, entre os municípios de Campina Verde ao norte, Itapagipe a este e Turama a oeste. Chamou-lhe tanto a atenção que resolveu seguir a sua viagem até o Rio de Janeiro, onde exporia pessoalmente o ocorrido.

No consultório do médico gastroenterologista e ufólogo Olavo Teixeira Fontes, teria início em 22 de fevereiro de 1958 uma investigação que surpreenderia os círculos especializados em Ufologia. Fontes era membro do corpo docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e representante da *Aerial Phenomena Research Organization (APRO)*, associação civil norte-americana fundada em 1952 pelo casal Jim e Coral Lorenzen, no estado do Arizona. Tomando a precaução de evitar que narrativas semelhantes surgissem por sua influência, temendo por isso que fosse invalidada, resolveram manter sigilo — apesar dos cuidados, parte do relato vazou e chegou a ser parcialmente comentado.

O próximo a integrar o grupo, o médico alemão Walter Karl Bühler (1933-1996), que naquele mesmo ano de 1957 — sem dúvida um dos melhores anos para a Ufologia — havia fundado no Rio de Janeiro a *Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores (SBEDV)*<sup>1</sup>, publi-

---

<sup>1</sup> Uma das primeiras entidades civis do gênero a surgir no país e que editava os referenciais Boletins Informativos da *Sociedade Brasileira de Estudos de Discos Voadores (SBEDV)*, os quais traziam estudos pormenorizados sobre todos os tipos de casos, principalmente envolvendo humanoides, às vezes até com transcrições completas.

caria suas primeiras ponderações sobre o Caso Villas Boas no *Boletim da SBEDV* número 26-27, de abril a julho de 1962. O artigo, integralmente em inglês, idioma que Bühler preferia em se tratando de casos importantes que prioritariamente demandavam divulgação no exterior, sairia na edição de janeiro e fevereiro de 1965 da prestigiosa revista *Flying Saucer Review*, editada pelo ufólogo, linguista e embaixador Gordon Creighton (1908-2003), ex-cônsul inglês em Recife, o que contribuiu em muito para projetar a Ufologia Brasileira no cenário internacional e inaugurar a moderna Ufologia para os chamados contatos de terceiro grau. Uma versão em português do artigo só seria publicada por Bühler no Brasil em 1975, em uma edição especial do *Boletim da SBEDV* que trazia uma seleção dos quarenta melhores casos de contatos imediatos com alienígenas ocorridos até então, entre eles, logicamente, o de Villas Boas, enquadrado no “subgrupo A-F”, que incluía os de “aproximação forçada”<sup>2</sup>.

A reportagem integral de Martins, sob o pseudônimo de Heitor Durville, acompanhada dos resultados dos testes clínicos realizados pelo médico e ufólogo Olavo Fontes, só viria a lume em 1968 com a publicação da série dividida em seis partes intitulada *Detras de la Cortina de Silencio*. E ainda assim, os que tiveram acesso imediato a ela foram apenas os leitores em língua espanhola, já que foi publicada somente nas *Ediciones O Cruzeiro*, de Buenos Aires. Por ela ficou-se sabendo que AVB era Antonio Villas Boas. Cabe ressaltar que não há parentesco próximo com os já falecidos irmãos indigenistas e sertanistas Leonardo (1918-1961), Cláudio (1916-1998) e Orlando Villas-Boas (1914-2002), um agricultor de 23 anos que estudava por correspondência.

Em 1971, João Martins achou que não havia mais razão para ocultar o ocorrido e publicou um resumo no suplemento carioca da revista semanal *Domingo Ilustrado*, número 03 a 10, de 10 de outubro: “AVB foi submetido por nós aos mais sofisticados métodos de interrogatório, sem que tenha caído em qualquer contradição. Escapou de todas as armadilhas que fizemos para testar se ele estava em busca de fama ou dinheiro. Acurados exames médicos revelaram um estado de total equilíbrio físico e mental. Sua reputação na região onde vivia era a de

---

2 Bühler, Walter Karl. *Boletim Especial da SBEDV*, Rio de Janeiro, 1975, edição número 32.



*um homem trabalhador, sério e honesto”. Ponderou Martins: “É muito provável que em algum lugar do universo haja uma estranha criança que talvez esteja sendo preparada para voltar aqui”.*

## **A estranha cópula de Villas Boas, por ele mesmo**

Na tarde de 22 de fevereiro de 1958, no consultório médico do doutor Olavo Fontes, na presença deste, do jornalista João Martins e do médico e ufólogo Walter Karl Bühler, Antonio Villas Boas prestou um longo e detalhado depoimento que só foi tomado depois de um interrogatório minucioso e friamente elaborado que durou nada menos do que quatro horas, durante o qual se pôs à prova seu equilíbrio, sua honestidade, sua ambição, sua coerência de atitudes e de intenções. Os mais diversos métodos de intimidação e tentativas de suborno foram-lhe aplicados com o objetivo de verificar se

~~ficava confuso ou apelava para a imaginação, se desmentia, contradizia ou demonstrava estar elaborando uma justificativa por vaidade ou desejo de lucro.~~ Villas Boas resistiu a todas essas provas aplicadas pelos experientes Martins, Fontes e Bühler, além de outras autoridades especializadas. Também foram analisados sua vida e seu passado, com bons resultados para ele. E ademais, foi submetido a um meticuloso exame médico que constatou em seu corpo as sequelas advindas do contato [*Ver a reprodução do relatório completo desse exame mais adiante*].

Villas Boas não apresentava nenhum sintoma psicopático. Sossegado, falando com desembaraço, sem mostrar cacoetes, tiques nervosos ou sinais de instabilidade emocional, em nenhum momento titubeou ou perdeu o autocontrole. Suas vacilações correspondiam exatamente ao que se podia prever de um indivíduo em uma situação estranha, que não encontrava explicação para certos fatos. Nessas ocasiões, ainda sabendo que as dúvidas expressadas em certas perguntas poderiam conduzir à incredulidade, respondia com simplicidade: *“Isso eu não sei. Isso eu não posso explicar”.*

Apesar de não terem encontrado nenhum indício de fraude mesmo após submeterem-no a hábeis interrogatórios, métodos psicológicos ~~intimidatórios, de insinuar-lhe a possibilidade de ver seu retrato nos jornais e de ganhar dinheiro com sua história —~~ para averiguar se era

movido pela vaidade ou ambição —, de submetê-lo a exames médicos e psiquiátricos e de interrogá-lo novamente depois de decorridas várias semanas a fim de surpreendê-lo em alguma contradição, Fontes e Martins decidiram arquivar o caso “*para esperar o aparecimento de um caso de características semelhantes em outro lugar que o validasse*”.

De todo o interrogatório foi extraído o relato concatenado e adaptado em linguagem jornalística por Martins, publicado em forma de série nas edições portenhas de *O Cruzeiro*, em 1968<sup>3</sup>, e que ora traduzimos e reproduzimos para que todos o conheçam e tenham a oportunidade de analisá-lo. Tal depoimento, logicamente, não se fez linearmente, na ordem em que se encontra, nem exatamente com estas mesmas palavras. Martins garantiu, não obstante, que nada agregou ao que foi narrado. Villas Boas foi respondendo do seu jeito e em seu linguajar típico às perguntas que lhe foram formuladas, muitas das quais feitas com a

intenção de verificar se incorria em alguma contradição comprometedora. Certamente muita argúcia e malícia devem ter sido exigidas dos pesquisadores para arrancar grande parte dos detalhes que se seguem, pois Villas Boas, como é normal em todo homem do campo, sentia-se envergonhado e constrangido em falar explicitamente de um tema que lhe parecia impróprio, segundo suas convicções morais e religiosas.

As intervenções entre colchetes são retificações e complementações minhas a certos dados que por motivos que me são alheios, foram suprimidos ou transmitidos de maneira incompleta e errônea, além de observações pessoais pertinentes.

*“Meu nome é Antonio Villas Boas, tenho 23 anos, sou agricultor, vivo com a minha família em uma fazenda de nossa propriedade situada nas imediações da cidade de São Francisco de Sales, estado de Minas Gerais, perto dos limites do estado de São Paulo. Tenho dois irmãos e três irmãs [Na verdade tinha três irmãos e seis irmãs], todos eles morando na vizinhança. Outros dois irmãos meus já faleceram [Referia-se às irmãs Delidia e*

3 Durville, Heitor (pseudônimo de João Martins). *Detras de La Cortina de Silencio — IV: Los*

*Eriplantes de Los Platos Veladores*, em *Ediciones O Cruzeiro*, Buenos Aires, 1968, páginas 16-18. *Detras de La Cortina de Silencio — V: La Mujer Del Otro Mundo*, em *Ediciones O Cruzeiro*, Buenos Aires, 1968, páginas 76-79.

Delcídia, falecidas em 1947 e 1948, respectivamente]. *Todos os homens da família trabalham na fazenda, cujas terras abrangem campos extensos e muitas plantações a serem cuidadas. Para lavrar a terra, temos um trator com motor a gasolina, marca Internacional, com o qual trabalhamos em duas turmas, uma diurna, outra noturna, na época do plantio*”.

*“De dia, trabalham os trabalhadores rurais, nossos empregados. De noite, eu costumo trabalhar sozinho ou, às vezes, junto com meus irmãos. Sou solteiro, tenho boa saúde, trabalho duro, faço curso por correspondência e estudo, sempre que posso. Para mim foi um sacrifício viajar até o Rio de Janeiro, pois estão precisando de mim, lá na fazenda. No entanto, considere-me meu dever relatar os acontecimentos extraordinários nos quais fui envolvido. Farei de bom grado tudo quanto os*

*senhores acharem que devo fazer e também prontifico-me a depor perante autoridades civis e militares*”.

*“Tudo começou na noite de 5 de outubro de 1957. Naquela noite, tivemos visita [Posteriormente Antonio relataria que teria estado em uma festança, dessas típicas de roça, fato que foi confirmado por sua irmã Odércia], razão pela qual fomos dormir somente lá pelas 23h00, bem depois da hora de costume, em torno das 20h00. Eu estava no meu quarto, em companhia do meu irmão João. Fazia bastante calor naquela noite e, por isso, abri a janela, que dá para o terreiro, quando lá vi uma luz brilhante que iluminava todo o ambiente. Era uma luz bem mais clara do que aquela do luar e não consegui saber de sua procedência. Mas, evidentemente, deveria ser refletida de lá, bem em cima, pois me deu a impressão de holofotes dirigidos para baixo e iluminando a nossa fazenda toda*”.

*“Porém, lá no céu, eu não pude distinguir coisa alguma. Chamei por meu irmão, para ele também ver aquela luz. Mas, pacato e comodista como ele só, não se incomodou e achou melhor dormimos. Em seguida, fechei as venezianas e ambos fomos*

*dormir. No entanto, aquela luz não me saía da cabeça e nem me deixava pregar os olhos de modo que, sentindo uma curiosidade*

*imensa, tornei a levantar-me e a abrir as venezianas, para ver o que se passava lá fora. A luz continuava inalterada, no seu lugar. Fiquei de olhar fixo naquela luz quando, de repente, se deslocou para perto da minha janela. Assustado, bati as venezianas com tamanho barulho que acordei meu irmão que entrementes tinha adormecido. Dentro do quarto escuro, ele e eu acompanhamos a luz que entrava pelas venezianas. A vimos passar em direção ao telhado, de onde penetrou, então, pelas frestas entre as telhas. Por fim, a luz desapareceu e não voltou mais”.*

*“Em 14 de outubro houve o segundo incidente. Deve ter ocorrido lá pelas 21h30 ou 22h00. Não posso precisar a hora exata, pois não tinha relógio comigo. Trabalhei com o trator, em companhia de um outro dos meus irmãos [José]. De repente, avistamos uma luz muito clara, penetrante, a ponto de doer a vista.*

*Quando a vimos pela primeira vez, despontou grande e redonda, como uma roda de carroça, na ponta norte do campo, cuja terra lavramos. Era de um vermelho-claro e iluminou uma grande área. Distinguimos alguma coisa dentro da luz. Ela deslocou-se, repentina e ultravelozmente, para a ponta sul do campo, onde ficou novamente parada. Corri atrás da luz, que então, tornou a voltar para onde estava antes. Tornei a correr atrás da luz, mas ela fugiu de mim, repetindo a manobra umas vinte vezes e não permitindo que eu chegasse perto dela”.*

*“Aí então desisti de pegá-la e voltei para junto de meu irmão. Por uns poucos minutos, a luz ficou imóvel, à distância. Ela parecia emitir raios intermitentes, em todas as direções, que me fizeram pensar nos raios do Sol poente. Em seguida, desapareceu tão repentinamente que tive a impressão de ter sido apagada. No entanto, não tenho certeza absoluta dessas coisas terem se passado realmente dessa maneira, pois não sei mais se, por aquele tempo todo, olhei em direção da luz. Talvez tenha desviado o olhar por algum instante, quando, então, poderia ter subido de repente e, quando tornei a olhá-la, já não estava mais lá, tinha sumido”.*

*“No dia seguinte, 15 de outubro, trabalhei sozinho com o trator. A noite estava fria e o céu noturno claro, salpicado de estre-*



*las. Precisamente à 01h00 vi uma estrela vermelha, de aparência igual à de uma daquelas grandes estrelas bem claras. No entanto, percebi logo que não se tratava de uma estrela, pois aumentou progressivamente de tamanho e parecia aproximar-se de mim. Dentro de alguns instantes, ficou sendo um objeto brilhante, da forma de um ovo, que se dirigiu a mim a uma velocidade incrível. A sua aproximação era tão veloz que já estava sobre o trator, antes de eu poder pensar o que deveria fazer”.*

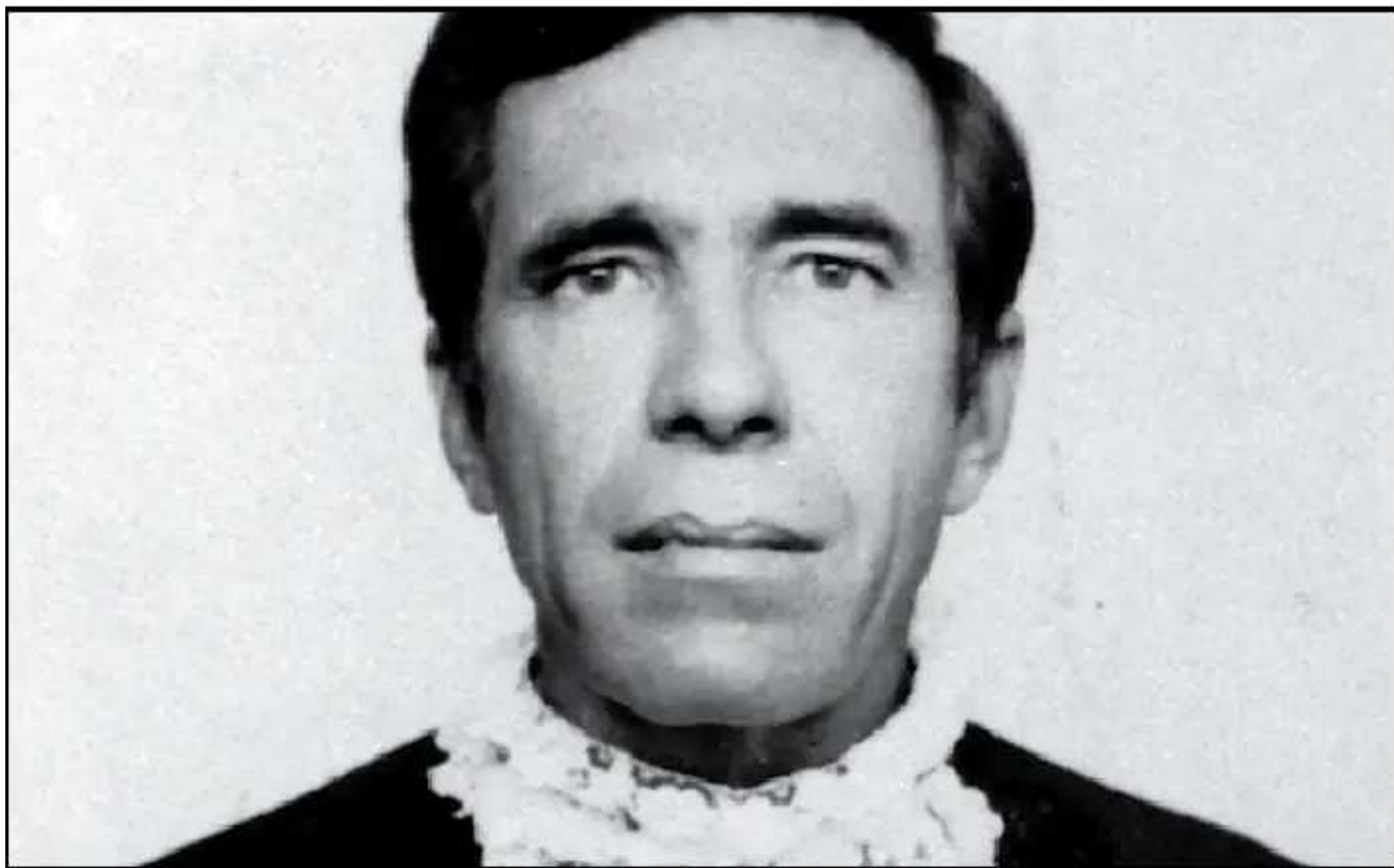
*“De repente, o objeto ficou parado e desceu até uns 50 m acima da minha cabeça. O trator e o campo ficaram iluminados, como mergulhados em plena luz do dia. A luz dos faróis do meu trator ficou completamente ofuscada por aquele brilho penetrante, vermelho-claro. Senti um medo horrível, pois não podia fazer ideia do que aquilo seria. Eu queria fugir com o*

*trator, mas em comparação com a velocidade daquele objeto, a sua marcha era lenta demais e foram inúteis todos os meus esforços para acelerá-lo. Outrossim, pular do trator e tratar de fugir a pé, correndo na terra recém-lavrada, tampouco me teria adiantado qualquer coisa. Ademais, desse jeito, eu me teria arriscado a fraturar a perna”.*

*“Enquanto eu fiquei lá, uns dois minutos, hesitante, sem saber o que fazer, a luz tornou a deslocar-se e parou a uns 10 a 15 m à frente do meu trator, para, então, lentamente, pousar no solo. Aproximou-se de mim, mais e mais, até quando pude*

*distinguir que se tratava de uma máquina fora do comum, quase redonda, com pequenas luzes vermelhas dispostas em toda a circunferência. À minha frente havia um enorme farol vermelho que ofuscou minha vista quando o objeto desceu lá de cima. Agora distinguia nitidamente os contornos da máquina. Ela era parecida com um ovo alongado, apresentando três hastes, um no meio e um de cada lado. Eram hastes metálicas, de ponta fina e base larga. Não pude distinguir a sua cor por causa da forte luz vermelha, na qual estavam mergulhadas. Em cima*

*havia algo rotacionando em alta velocidade, que, por sua vez, emitia luz vermelha fluorescente”.*



**Antonio Villas Boas na época de sua graduação em Direito. Era um homem normal, sadio e trabalhador, e nunca pensou em discos voadores**

*“No instante em que a máquina desacelerou para pou-sar, as rotações da peça giratória diminuíram e a luz mudou — assim me parecia — para o verde. Naquele momento, a peça giratória era como um prato ou uma cúpula achatada. Não sei se, realmente, era assim ou apenas me impressionou como sendo assim, enquanto estava em movimento. Aliás, aquela peça giratória jamais parou por um segundo sequer, mantendo-se em rotação permanente, mesmo depois quando o objeto voador já se encontrava no solo”.*

*“A maior parte desses detalhes só notei um pouco mais tarde, porque, logo de início, fiquei nervoso demais para percebê-los. E quando, a alguns metros acima do solo, a parte de baixo do objeto se abriu e dele saíram três suportes metálicos, perdi os últimos resquícios do meu autocontrole. Evidentemente, estava descendo o ‘trem de pouso’ a suportar o peso do objeto na aterrissagem. Mas eu não estava dispo-*

*to a esperar tanto. Durante esse tempo todo, o trator estava de motor ligado e, então, pus o pé no acelerador, desviei-o*

*do objeto voador e tentei escapar, quando após avançar por alguns metros, o motor parou e os faróis apagaram. Eu não sabia porque, pois o motor estava ligado e os faróis estavam acesos. Dei partida, mas o motor não pegou. Em vista disso, pulei do trator, detrás do objeto, e me meti a correr”.*

*“Porém, logo mais, um minúsculo ser estranho, que mal chegava à altura dos meus ombros, pegou no meu braço. Desesperado, apliquei-lhe um golpe, que o fez perder o equilíbrio, largar o meu braço e cair para trás. Novamente tentei correr, quando, instantaneamente, três outros seres alienígenas pegaram-me por trás e pelos lados, segurando meus braços e minhas pernas e levantando-me do solo, sem que eu pudesse esboçar sequer o menor gesto. Tentei livrar-me deles, mas eles me seguraram firme e não me deixaram escapar. Aí, então, gritei por socorro, maldisse-os*

*e exigi que me soltassem. Meus sequestradores devem ter ficado espantados ou curiosos com aqueles meus gritos, pois, enquanto me levavam para o objeto voador, toda vez que abria a boca me olhavam na cara, sem, no entanto, afrouxar, no mínimo, a garra com que me prendiam. Tirei esta conclusão da sua atitude comigo e, com isso, fiquei um pouco aliviado”.*

*“Carregaram-me até a máquina, que estava pousada a uns 10 m acima do solo, sobre os suportes metálicos já descritos. Na parte traseira do objeto voador havia uma porta, que se abria de cima para baixo e, assim, serviu de rampa. Na sua ponta estava uma escada de metal, do mesmo metal prateado das paredes da máquina e que descia ao solo. Os meus sequestradores alienígenas tiveram dificuldades em me fazer subir aquela escada, que só dava para duas pessoas, uma ao lado da outra e, além do mais, não era estável, mas, sim, móvel, balançando fortemente, com cada uma das minhas tentativas de livrar-me dos meus captores. De cada lado havia um corrimão, da espessura de um cabo de vassoura, no qual me agarrei, para não ser levado para cima, o que fez com que eles tivessem de parar, a fim de tirar as minhas*

*mãos daquela peça. No entanto, também o corrimão era móvel e, quando depois desci por aquela escada, eu tive a impressão*

*de ser de elos de corrente [Note que essa primitiva e rudimentar escada metálica contrasta fortemente e é totalmente incongruente com uma supertecnologia capaz de cruzar a galáxia, detalhe que não passou despercebido para muitos pesquisadores]”.*

*“Por fim, lograram levar-me para o interior do objeto, onde me deixaram em um pequeno recinto quadrado. A luz brilhante do teto metálico refletia-se nas paredes, de metal polido. Era emitida por numerosas lâmpadas quadradas, embutidas debaixo do teto, ao redor da sala. Deixaram-me de pé, no chão. A porta de entrada, junto com a escada recolhida, levantou-se e fechou. O recinto estava iluminado como se fosse pela luz do dia, mas, mesmo nessa luz brilhante, não se percebia o lugar da porta que, depois de fechada, ficou totalmente integrada à parede. Somente a escada metálica indicava o lugar onde ela deveria achar-se.*

*Um dos cinco seres presentes apontou com a mão para a porta aberta e me fez compreender que eu deveria seguir para aquele recinto contíguo. Obedeci, já que não havia outro jeito”.*

*“Prosseguimos, então, para aquele recinto, que era maior do que o outro e semioval. Lá, as paredes brilhavam como as da sala anterior. Creio que me encontrava bem no setor central da máquina, pois no meio havia uma coluna redonda, aparentemente maciça, cujo diâmetro diminuía no seu meio. Dificilmente aquela coluna estaria ali apenas a título de enfeite. A meu ver, ela suportava o teto. Os únicos móveis existentes eram uma mesa de desenho esquisito e várias cadeiras giratórias, parecidas com as nossas cadeiras de balcão de bar. Todos os objetos eram de metal. A mesa e as cadeiras tinham um só pé no centro que, na mesa, era firmemente fincado na base. Nas cadeiras, o pé era ligado a três reforços laterais salientes por um anel móvel e embutido no piso. Assim, as cadeiras tinham movimento livre para todos os lados”.*

*“Os seres alienígenas continuaram a segurar-me e, evidentemente, conversavam a meu respeito. Quando digo ‘conversaram’ é bom frisar que aquilo que deles ouvi não teve*

*sequer a menor semelhança com sons humanos. Tampouco posso imitar a sua fala. De repente, pareciam ter chegado a*



*uma decisão. Todos os cinco, juntos, começaram a despir-me. Eu me defendi o melhor que pude, gritei, xinguei. Eles pararam, me olharam e tentaram fazer-me compreender que queriam passar por gente educada. No entanto, mesmo assim, continuaram a despir-me, até que fiquei completamente nu. E, não obstante os meus protestos violentos, debatendo-me fortemente durante todo aquele processo, não chegaram a machucar-me nem a rasgar qualquer peça de minha roupa”.*

*“Por fim, lá estava eu, completamente pelado e com um medo horrível, pois não sabia o que fariam em seguida. Um dos meus sequestradores aproximou-se de mim segurando algo na mão que me parecia uma espécie de esponja, com a qual passou um líquido em todo meu corpo. Era uma esponja bem macia, não uma daquelas esponjas comuns, e o líquido bem claro e*

*inodoro, porém, mais viscoso que água. Primeiro, pensei que fosse um óleo, mas não pode ter sido, porque minha pele não ficou oleosa nem gordurosa. Quando passaram aquele líquido no meu corpo, senti um frio intenso, pois, além de a noite estar fria, naqueles dois recintos no interior da máquina a temperatura era bastante baixa. Sofri por ficar despido, mas sofri ainda mais depois de me terem passado aquele líquido, e tremi como vara verde de tanto frio que senti. No entanto, o líquido secou logo e, pouco mais tarde, já não senti mais nada”.*

*“Então, três dos meus sequestradores levaram-me para a porta, do lado oposto daquela pela qual entrei no interior da máquina. Um deles tocou em algo, bem no centro da porta que, em seguida, se abriu para os dois lados, como uma porta de encaixar, de bar, feita de uma só folha, do piso ao teto. Em cima, havia uma espécie de inscrição com letreiros luminosos, vermelhos. Os efeitos de luz deixaram aqueles letreiros salientes, destacados da porta em um ou dois centímetros — eram totalmente diferentes de quaisquer dos símbolos ou caracteres que eu conheço. Procurei gravá-los em minha memória, mas, entrementes, já os esqueci”.*

*“Em companhia de dois dos seres alienígenas, ingressei em uma pequena sala quadrada, iluminada como os demais*

*recintos. A porta fechou-se atrás de mim. Quando olhei para lá, nada havia de porta, somente uma parede, igual às outras. De repente, a parede tornou a abrir-se e, pela porta, entraram mais dois seres. Levavam nas mãos dois tubos de borracha, vermelha, bastante grossos, cada um medindo mais de um metro. Um dos tubos estava ligado por uma de suas pontas a um recipiente de vidro, em forma de taça. Na outra ponta havia uma peça de embocadura, parecida com uma ventosa, que colocaram sobre a minha pele, debaixo do queixo, lá onde ainda tenho uma mancha escura, que ficou como uma cicatriz. Antes de o alienígena iniciar a sua operação, ele comprimiu o tubo de borracha fortemente com a mão, como se dele quisesse expelir todo o ar”.*

*“Logo de começo não senti nem dores, nem comichão, mas notei apenas que minha pele estava sendo sugada. Em*

*seguida, senti que ela ardia e tive vontade de coçar-me. Enfim, descobri que a pele ficou machucada, ferida. Depois de me terem colocado o tubo de borracha, vi como a taça se encheu, lentamente, do meu sangue, até a metade. Aí, então, pararam. Retiraram o tubo de borracha e substituíram-no pelo outro. Sofri nova sangria. Desta vez, no outro lado do queixo. Ali, os senhores podem verificar uma mancha escura, igual à que já lhes mostrei. Daquela vez, a taça ficou cheia, até a borda. Terminada a sangria, os homens retiraram o tubo de borracha e também nesse lugar a minha pele ficou ferida, ardendo e me deixando com coceira. Depois disso, eles saíram, fecharam a porta atrás de si e eu fiquei sozinho naquela sala”.*

*“Por um bom tempo, ninguém se preocupou comigo e fiquei a sós, por mais de meia hora. Naquela sala não havia móveis, além de uma espécie de cama, sem cabeceira nem moldura. Como aquela cama era curva, saliente para cima, bem no meio, não era muito cômoda, mas pelo menos era macia, como se fosse de espuma e coberta de uma fazenda grossa, cinzenta, também macia. Depois de tudo pelo que havia passado sentia-me cansado, então*

*sentei-me naquela cama. No mesmo instante, senti um cheiro forte, estranho, que me causou náuseas. Tive a impressão de inalar*

*uma fumaça grossa, cortante, que me deixou quase asfixiado. Talvez fosse isso mesmo, pois, quando examinei a parede pela primeira vez, notei uma quantidade de pequenos tubos metálicos, fechados em uma das pontas, embutidos na parede, à altura da minha cabeça. Semelhantes a um chuveiro, apresentavam múltiplos furinhos através dos quais saiu uma fumaça cinzenta que se dissolveu no ar — daí o cheiro ruim. Senti-me bastante mal e fiquei com ânsias de vômito. Fui para um canto da sala e vomitei. Em seguida, pude respirar sem dificuldades, porém, continuei a sentir-me mal com aquele cheiro. Fiquei bastante deprimido. O que será que eles pretendiam comigo?”*

*“Até aquela hora não fazia a menor ideia de como seria a aparência daqueles alienígenas. Os cinco usavam macacões bem colantes, de uma fazenda bem grossa, cinzenta, muito macia e,*

*em alguns pontos, colada com tiras pretas. Cobrindo a cabeça e o pescoço, usavam um capacete da mesma cor, mas de material mais consistente — não sei de que era —, reforçado atrás, com estreitas tiras de metal. Esse capacete cobria a cabeça toda, deixando à mostra somente os olhos, que pude distinguir através de algo parecido com um par de óculos redondos. Os homens estranhos fixaram-me com seus olhos claros, que me pareciam de cor azul. Acima dos olhos, o capacete tinha duas vezes a altura de uma testa normal. Provavelmente, sobre a cabeça, debaixo do capacete, usavam mais alguma coisa, invisível de fora. A partir do meio da cabeça, descendo pelas costas e entrando no macacão, à altura das costelas, notei três tubos redondos, de prata, dos quais não sei dizer se eram de borracha ou metal. O tubo central descia pela coluna vertebral. À esquerda e à direita desciam os dois outros tubos, até a uns 10 cm debaixo das axilas. Não vi nenhuma depressão ou protuberância que indicasse uma ligação entre esses tubos e um recipiente ou instrumento, escondido debaixo do macacão”.*

*“As mangas do macacão eram estreitas e compridas. Os punhos continuavam em luvas grossas, de cinco dedos, da mesma cor que, obviamente, dificultavam o movimento das mãos.*

*Percebi como os homens mal conseguiam tocar com as pontas dos dedos a parte interna da mão. Contudo, isto não os impediu de segurar-me com tamanha firmeza e manipular habilmente os tubos de borracha enquanto me fizeram a sangria. Quanto aos seus macacões, creio que eram uma espécie de uniforme, pois todos os tripulantes usavam um escudo do tamanho de uma rodela de abacaxi. De lá, uma tira de pano, prateada ou de metal, ligava-se à cinta estreita, sem fivela. Nenhum dos macacões tinha bolsos ou botões. As calças eram compridas e colantes e continuavam em uma espécie de sapato ou tênis, sem, no entanto, mostrar onde terminava a calça e começava o sapato. Todavia, a sola dos sapatos era de 4 a 7 cm de espessura. Era bem diferente da dos nossos sapatos”.*

*“Nas pontas, os sapatos eram levemente encurvados para cima, mas não como a gente vê nos contos de fadas. [No mínimo curiosa essa busca de familiaridade ou aproximação com um objeto típico de contos de fadas feita por Villas Boas. Ver mais adiante o tópico Contos de Fadas]. Os alienígenas movimentavam-se hábil e rapidamente, só que o macacão parecia interferir um pouco com os movimentos livres dos seus corpos, pois eles me impressionaram como figuras um tanto rígidas. Todos eles eram do meu tamanho, menos um, que não chegava nem à altura do meu queixo. Eram fisicamente fortes, mas não a ponto de me meterem medo. Lá na minha terra, eu não teria dúvida em brigar com qualquer um deles [Hitler Lobo de Mendonça, amigo de Antonio, confirmou que São Francisco de Sales era um local bastante violento. Ver entrevista por ele concedida mais adiante]”.*

*“No meu entender, passou-se uma verdadeira eternidade, quando então um ruído na porta interrompeu minhas meditações. Virei-me para lá e vi uma moça aproximando-se de mim. Lentamente, ela veio ao meu encontro. Estava totalmente nua, descalça, como eu. Fiquei perplexo, e aparentemente ela achou divertida a expressão do meu rosto. Ela era muito formosa, completamente diferente das outras mulheres que conheço. Seus cabelos eram macios e loiros, quase da cor de platina — como esbranquiçados*



— e lhe caíam na nuca, com as pontas viradas para dentro. Ela usava o cabelo repartido ao meio e tinha grandes olhos azuis, amendoados. O seu nariz era reto. Os ossos da face, muito altos, conferiam às suas feições uma aparência heterogênea, deixando o rosto bem mais largo do que o das índias sul-americanas e, com o queixo pontudo, ele ficava quase triangular”.

“Tinha os lábios finos, pouco perfilados, e suas orelhas — as quais cheguei a ver mais tarde — eram exatamente como as das nossas mulheres terrestres. Tinha o corpo mais lindo que já vi em moça alguma, com os seios bem formados, firmes e altos, cintura fina. Os seus quadris eram largos, as coxas compridas, os pés pequenos, as mãos finas e as unhas normais. Era de estatura bem baixa, e a sua cabeça mal chegava aos meus ombros [De acordo com os familiares e amigos que entrevistei — ver no

apêndice — Antonio jamais qualificara a tal mulher como sendo bela, formosa ou sensual, muito pelo contrário. Ao que parece, suas palavras foram deturpadas para diminuir o impacto, ou talvez ele mesmo as tenha modificado com o intuito de amenizar a descrição e conferir-lhe um tom atrativo]”.

“Essa moça aproximou-se de mim, em silêncio. Fitou-me com seus olhos grandes, expressando expectativa, dizendo que estava esperando algo de mim. De repente, ela me abraçou e começou a esfregar o rosto dela contra o meu, enquanto apertava o corpo dela contra o meu. Tinha a pele alvíssima das nossas mulheres louras e os braços cheios de sardas. Senti somente o cheiro de seu corpo, tipicamente feminino, sem nenhum perfume na pele ou nos cabelos”.

“A porta tornou a fechar-se. A sós com aquela moça, que não me deixou a menor dúvida quanto a seus desejos, fiquei fortemente excitado. Considerando a situação na qual me encontrava, isso parece um tanto improvável, mas creio que foi por causa do líquido que passaram no meu corpo. Devem tê-lo passado de propósito. Só sei que não consegui mais refrear o meu apetite

sexual. Jamais isso me acontecera. Enfim, acabei não pensando em mais nada, peguei a moça e retribuí as suas carícias. Era



**O Cartório de Registro Civil da cidade de Uberaba, onde foram encontrados detalhes da vida e do falecimento de Antonio Villas Boas**

*um ato normal e ela comportou-se como qualquer outra mulher, mesmo após várias repetições do ato. Depois ela ficou cansada e respirou com dificuldade. Eu ainda continuei em estado de forte excitação, mas ela recusou o meu amor”.*

*“Quando percebi tal recusa, fiquei desiludido: ‘Ah é? Era este o papel que me coube desempenhar? O de um touro de raça, selecionado para promover um cruzamento experimental?’ Fiquei um tanto zangado, mas não mostrei emoção alguma, pois, apesar de tudo, tive uma experiência bastante agradável. Porém, eu não trocava uma das nossas moças por ela, porque prefiro uma para conversar e que entenda o que a gente fala. Além disso, o seu grunhido, em dados momentos, deixou-me irritado. Tampouco ela sabia beijar, a não ser que as leves mordidas no meu queixo valessem um beijo. Em todo o caso, não tenho certeza de nada disso. Só achei esquisito que os cabelos de suas axilas e ‘aqueles em outro lugar’ [Bastante apropriado esse eufemismo empregado por Antonio] fossem da cor vermelho-sangue”.*

*“Pouco depois de nossos corpos terem se separado, a porta se abriu e um dos homens alienígenas chamou a moça. Antes de sair da sala, ela virou-se para mim, apontou, primeiro, para a sua barriga, depois, com uma espécie de sorriso, para mim e, por último, para o céu — acho que foi para o quadrante sul. Depois, ela saiu. Interpretei esse gesto como uma advertência, renunciando a sua volta, quando então ela me levaria consigo para onde quer que fosse. Até hoje estou tremendo de medo ao pensar que, se e quando retornarem e me sequestrarem de novo, eu estarei definitivamente perdido. De jeito algum estaria disposto a separar-me da minha família e abandonar a minha terra”.*

*“Àquela altura, um dos alienígenas voltou com a minha roupa, que tornei a vestir. Devolveram-me tudo, menos o meu*

*isquairo que bem poderia ter caído ao chão durante a luta corporal com meus sequestradores [Esse isquairo da marca Homero jamais seria encontrado]. Voltamos para o outro recinto, onde três dos tripulantes estavam sentados nas cadeiras giratórias, grunhindo um para o outro — acho que conversavam. Aquele que veio me buscar juntou-se a eles e me deixou sozinho. Enquanto eles ‘falavam’, procurei gravar na memória todos os detalhes ao meu redor e observar minuciosamente tudo quanto ali se passava. Nesse empenho, reparei, sobre a mesa, ao lado dos homens, uma caixa quadrada com uma tampa de vidro, parecido com o mostrador de um despertador”.*

*“Havia um ponteiro e, no lugar dos números 3, 6 e 9, uma marcação negra. Somente no lugar em que, normalmente, está o número 12, havia quatro pequenos símbolos negros, um ao lado do outro. Não sei para que serviria isso, mas foi assim que eu o vi. Primeiro, pensei que aquele instrumento fosse uma espécie de relógio, pois, vez ou outra, um dos alienígenas o fitava. Entretanto, dificilmente seria um relógio, pois durante todo o tempo em que o olhei, os ponteiros*

*permaneceram imóveis, na mesma posição [Curiosamente, um artefato com essas mesmas características, bem terrestres,*

foi recolhido em 1968 na cidade paulista de Caconde pelo vigia noturno Caetano Sérgio dos Santos<sup>4]</sup>”.

*“Aí, então, tive a ideia de pegar naquela coisa e levá-la comigo, a título de prova de minha aventura. Com aquela caixa o meu problema teria sido resolvido. Quem sabe, quando os homens notassem o meu interesse por aquele objeto, talvez me fizessem presente dele. Tratei de aproximar-me dele, aos poucos, e quando eles não me olhavam, puxei-o da mesa com as duas mãos. Era pesado, certamente uns 2 kg. Porém eles não me deram tempo nem para olhá-lo de perto, pois, com a rapidez de um raio, um dos homens empurrou-me para o lado, tirou a caixa das minhas mãos e, furioso, tornou a colocá-la em seu lugar. Recuei até a parede mais próxima e lá fiquei parado, imóvel. Normalmente não costumo sentir medo, mas, naquela situação, achei melhor ficar quieto, pois eu já sabia que eles me tratavam bem somente quando o meu comportamento era do agrado deles [Aqui Antonio fala como um animal de laboratório que tivesse passado pela fase de condicionamento]. Daí que fiquei parado ali, à espera que as coisas acontecessem”.*

*“A moça não apareceu mais, nem despida, nem vestida. Mas eu descobri onde ela deveria estar. Na parte dianteira do recinto grande havia mais uma porta e vez ou outra dava para ouvir o ruído de passos que se dirigiam para lá e para cá. Como todos os demais tripulantes estavam naquele recinto grande, os passos que ouvi somente poderiam ter sido os da moça. Suponho que essa parte dianteira se tratava Da cabina de navegação da máquina”.*